

A exploração romana do mármore na Quinta de Santo Adrião, Vimioso / Miranda do Douro

Carla Maria Braz Martins*

Introdução

A exploração do mármore na Quinta de St.º Adrião localiza-se na freguesia de Silva, concelho de Miranda do Douro, distrito de Bragança (Fig. 1). A extensão da área pela qual os filões se desenvolvem, mais de 6 km de comprimento, prolonga-se pelo concelho de Vimioso, sendo a matéria-prima calcária extraída – mármore, conhecida pela designação de Branco de Vimioso.

É de salientar que no Norte de Portugal os jazigos calcários são extremamente raros, e que para além do que neste presente artigo se refere, só existem em sítios pontuais na Serra do Marão e na foz do rio Pinhão.

O local estudado abrange o cabeço do Monte dos Ferreiros, próximo da capela da S.ª do Rosário, onde se situam as ocorrências mais significativas, e é deli-

* Investigadora do CITCEM-UM, Agrupamento Paisagens, Fronteiras e Poderes; Bolseira BPD da FCT; colaboradora externa da FEUP.

Caracterização geológica

Os afloramentos do Ordovícico Superior são constituídos por massas lenticulares intercaladas com xistos silúricos, e foram metamorfizados pela intrusão granítica de Caçarelhos (granito grosseiro de duas micas) (Ornobase online).

Os mármore são de cor branca, existindo também os cinzento-azulados, que são predominantes, os brancos nacarados e os alabastrinos. Apresentam um grão fino e estrutura sacaróide, sendo a orientação da formação N40°W, 20°SW, idêntica à da clivagem xistenta (N35°W, 15-20°SW) (Delgado 1888-1892).

A cor e textura que estes calcários detêm, torna-os muito atraentes e bonitos para uma utilização ornamental – arquitectural e estatuária.

Curiosamente os mármore localizados na faixa mais oriental do jazigo e mais próximos da mancha granítica são os mais puros.

O alabastro calcário que aqui se revela, conhecido por alabastro oriental, é concrecionado, estalagmítico, visualmente formando camadas sucessivas, ondulantes e concêntricas. É de cor branca no Monte da Abelheira, contíguo ao dos Ferreiros, e branca-nebulosa ou ligeiramente amarelada na Gruta dos Ferreiros e na Gruta Grande (Delgado 1888-1892) (Fig. 2).

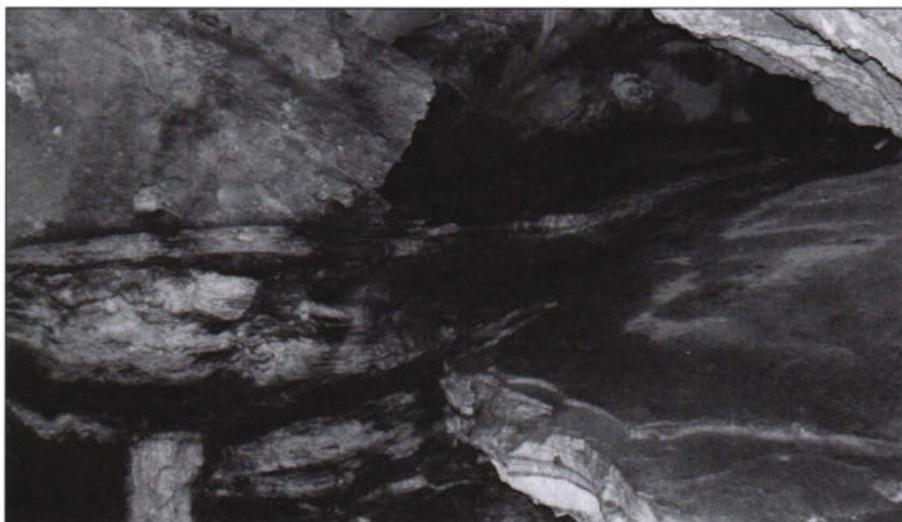


Fig. 2 – Aspecto actual de uma das grutas no Monte da Abelheira.

Exploração em época romana

O valor económico deste jazigo durante a época romana despertou interesse, sendo explorado o mármore, existindo ainda em finais do séc. XIX vestígios dessa actividade. A presença de rochas ostentando vários entalhes em seu redor para receber cunhas de ferro ou de madeira, que após seca inchava com a água introduzida, com o intuito de fragmentar os blocos rochosos era significativa, assim como no topo do cabeço de Ferreiros a detecção de mós em granito, matéria-prima que para ali foi transportada, já que a mancha granítica se situa a cerca de 200 m de distância (Delgado 1888-1892).

Os materiais romanos aqui recolhidos, aquando da abertura da pedreira em finais séc. XIX, e que se encontram depositados no Museu Geológico em Lisboa, foram analisados tendo em conta a funcionalidade dos mesmos. Consequentemente foram divididos em instrumentos de trabalho (Tabela 1), produto transformado ou semi-transformado da exploração (Tabela 2) e objecto de ornamentação (Tabela 3).

N.º	N.º de inv.	Designação e descrição	Peso (g)	Comprimento máximo (mm)	Largura máxima (mm)	Espessura máxima (mm)
1	340.1	Cunha fragmentada em ferro muito imperfeita e com sinais de martelagem num dos topos; apresenta secção rectangular.	345,34	82	39	26
2	340.2	Lâmina em cobre muito deformada.	35,18	73,94	50,29	1,77
3	340.3	Picareta em ferro, com as duas extremidades pontiagudas.	1192,92	292	57,20	23,97
4	340.4	Poda em ferro, com um cabo em lâmina de secção rectangular, e cuja ponta desenha uma curva de cerca de 90º.	85,92	199	71,08	1,76
5	340.5	Pá em ferro com ponta lanceolada, apresentando sinais de uso e desgaste.	97,84	379	54,80	2,18/5,30
6	340.10	Pico-martelo em ferro com uma extremidade pontiaguda e a outra com secção rectangular.	1485,75	159	68,48	49,21

Tabela 1 – Instrumentos usados na actividade extractiva (Fig. 3)

A picareta (*ascia*) (Fig. 3-3) e o pico-martelo (*malleus*) (Fig. 3-6) eram utilizados no desmonte dos blocos rochosos, podendo o segundo também servir para fragmentar a rocha em porções diminutas já que a parte posterior é de secção quadrangular; o mesmo fim era atingido com a acção de batimento do pico-martelo sobre a cunha (*cuneus*) (Fig. 3-1) introduzida nos alvéolos cavados na rocha.

A podoa (Fig. 3-4) é uma espécie de pequena foice sendo o seu propósito efectuar a remoção da vegetação nos locais de trabalho.

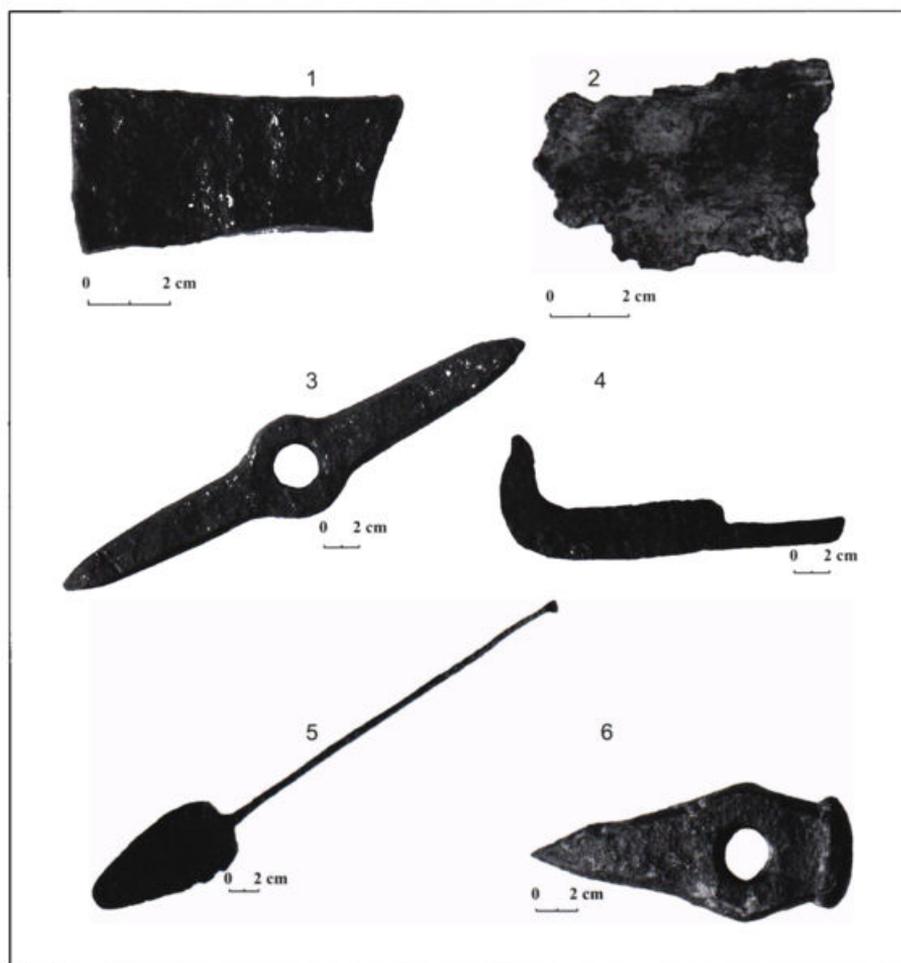


Fig. 3 – Instrumentos usados na actividade extractiva:

1 – cunha, 2 – lâmina, 3 – picareta, 4 – podoa, 5 – pá, 6 – pico-martelo.

N.º	N.º de inv.	Designação e descrição	Peso (g)	Altura máxima (mm)	Diâmetro mínimo (mm)	Diâmetro máximo (mm)
7	340.6	Fragmento de estela em mármore.	688,38		101,60	115,35
8	-	Cone truncado em mármore branco.	648,29	115,99	47,20	60,14
9	-	Cone truncado em mármore branco.	459,35	106,10	43,66	53,75

Tabela 2 – Fragmentos de mármore semi-transformados (Fig. 4)

De salientar que a funcionalidade do fragmento em mármore com o n.º 7 poderia ser a de uma estela funerária (Fig. 4), existindo em Duas Igrejas um paralelo; este fragmento de estela apresenta uma roda de raios curvos que gira da direita para a esquerda, e que se insere numa dupla linha concêntrica; o raio que atinge a linha mais interior é ainda dividido a meio por uma outra, provavelmente de auxílio à realização dos raios curvos.

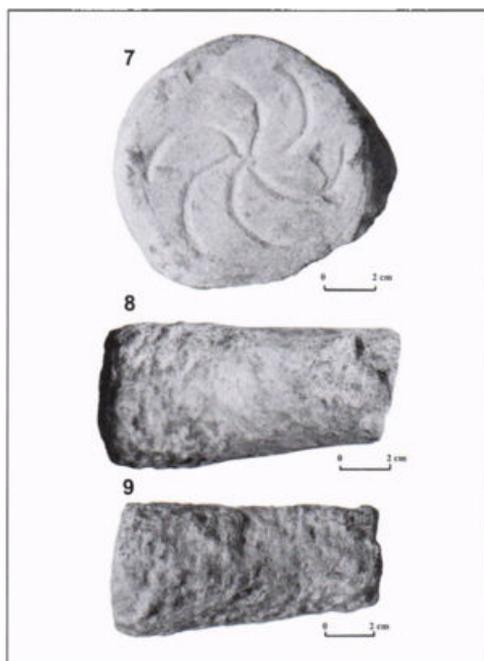


Fig. 4 – Fragmentos de mármore:

7 – fragmento de estela, 8 – cone fragmentado; 9 – cone fragmentado.

N.º	N.º de Inv.	Designação e descrição	Peso (g)	Diâmetro máximo (mm)
10	340.9	Fíbula em forma de ómega, em bronze, fragmentada.	9,37	34,90

Tabela 3 – Fíbula em forma de ómega (Fig. 5)

A fíbula (Fig. 5), que se encontra fragmentada num extremo e sem o respectivo fuzilhão, tem um aro circular, aberto, facetado e de secção losangonal, com os extremos decorados por uma moldura a partir da qual se forma um botão bitroncocónico. A sua cronologia será entre o início do séc. I e os finais do séc. IV d.C. (Ponte 2001: vol. 2 n.º 319).

A extracção de mármore em época romana nesta área que abrange os concelhos de Vimioso e Miranda do Douro encontra-se correlacionada com as explorações dos recursos mineiros, nomeadamente estanho que predomina em Miranda do



Fig. 5 – Fíbula em forma de ómega.

Douro e estanho e prata no Planalto de Vimioso, consubstanciando-se estas últimas nas minas de Argozelo (n.º 7 da tabela 4), Bocarra de Argozelo (n.º 6 da tabela 4) e Poço dos Lobos (n.º 8 da tabela 4).

O enquadramento no povoamento (Fig. 6), bem estudado por F. Sande Lemos (1993), revela que a maior parte dos povoados da Idade do Ferro subsistiram na época posterior, e os povoados romanos no concelho de Vimioso (Lemos 1993, vol. II: 395-418) localizam-se essencialmente no planalto destacando-se S. Martinho de Algozo (n.º 4 da tabela 4), S. Mamede de Santulhão (n.º 3 da tabela 4) e Lagoaço de Pinelo (n.º 2 da tabela 4).

Já no concelho de Miranda do Douro (Lemos 1993, vol. II: 200-243) os povoados da Idade do Ferro aparentemente parecem não ter persistido após a romanização, e os povoados que agora surgem distribuem-se principalmente ao longo de uma via secundária orientada S-N que entronca na Via XVII do Itinerário

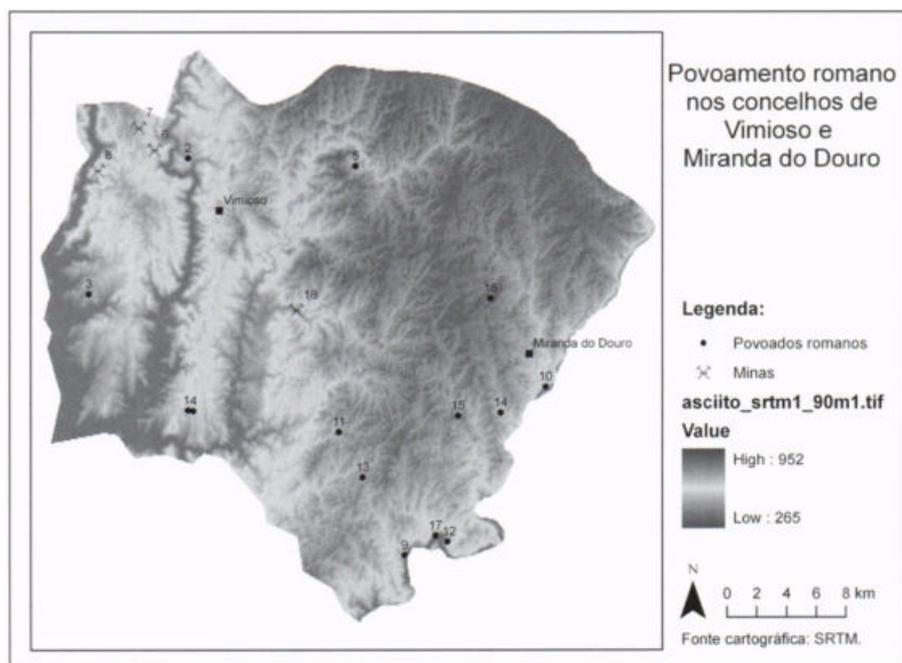


Fig. 6 – Enquadramento da exploração da Quinta de Santo Adrião no povoamento romano dos concelhos de Vimioso e Miranda do Douro.

de Antonino (Redentor 2001; Lemos 2009: 103), como sejam o possível *vicus* viário da Faceira da Granja (n.º 15 da tabela 4) (na periferia da aldeia de Duas Igrejas) e Trás da Torre (Malhadas) (n.º 16 da tabela 4). Porém, e devido à quantidade de estelas funerárias recolhidas, o povoado que deverá ter sido o mais importante situa-se em Castelar/Picote (n.º 12 da tabela 4), contíguo à aldeia de Picote. E de facto, Castelar de Picote é considerado por F. S. Lemos (2007) como uma possível sede de *civitas*, integrando o povo dos *zoelae*, apoiando-se também na sua precedente ocupação proto-histórica e sucessivos achados, como uma moeda de Augusto (Centeno 1986: 117).

N.º	Designação	Freguesia	Concelho	Distrito
1	Cabeço da Forca	Algoso	Vimioso	Bragança
2	Lagoaço	Pinelo	Vimioso	Bragança
3	São Mamede	Santulhão	Vimioso	Bragança
4	São Martinho	Algoso	Vimioso	Bragança
5	São Miguel	Angueira	Vimioso	Bragança
6	Bocarra de Argozelo	Argozelo	Vimioso	Bragança
7	Minas de Argozelo	Argozelo	Vimioso	Bragança
8	Poço dos Lobos	Argozelo	Vimioso	Bragança
9	Capela de São Paulo	Sendim	Miranda do Douro	Bragança
10	Coroa	Miranda do Douro	Miranda do Douro	Bragança
11	Palaçoulo	Palaçoulo	Miranda do Douro	Bragança
12	Picote	Picote	Miranda do Douro	Bragança
13	Trampas Carreiras	Palaçoulo	Miranda do Douro	Bragança
14	Santa Marinha de Cércio	Duas Igrejas	Miranda do Douro	Bragança
15	Faceira da Granja	Duas Igrejas	Miranda do Douro	Bragança
16	Trás da Torre	Malhadas	Miranda do Douro	Bragança
17	Picão de Penha Alva	Picote	Miranda do Douro	Bragança
18	Exploração da Quinta de Santo Adrião	Silva	Miranda do Douro	Bragança

Tabela 4 – Listagem dos povoados e minas romanas dos concelhos de Vimioso e Miranda do Douro (Fig. 6)

Considerações finais

A Quinta de Santo Adrião, no Monte dos Ferreiros, tem uma longa história em termos ocupacionais, já que as grutas aqui existentes serviram de abrigo pelo menos em época neolítica.

Durante a época romana, bem comprovada através dos materiais recolhidos e em depósito no Museu Geológico em Lisboa, a atracção do local prendeu-se com questões económicas, nomeadamente a extracção dos calcários – mármore, que pelas suas características era considerado o «...melhor mármore e alabastro» (Portugal 1912).

Em finais do século XIX, e após reconhecimento do jazigo por J. Nery Delgado em 1888, este local conheceu uma outra dinâmica já que a partir de 1900 foi explorado por ingleses, e cerca de 1912 por uma empresa Mármore e Alabastros de Vimioso, Lda., pertença de empresários de nacionalidade já referida, que só deu baixa de exploração a 17 de Junho de 1985.

A empresa Terras de Miranda Calcáreos, Lda, retoma a exploração após meados dos anos 80, chegando mesmo a produzir cerca de 2 000 sacos de 50 kg, por dia (DTM). Depois da sua falência, um novo fôlego abraça este local com a constituição da ABRICAL, em labor entre o período de 1990 e 2001, tendo atingido a produção de 1 400 m³ de inertes por dia (DTM).

Mármore e alabastros, foram as matérias-primas calcárias extraídas, que tiveram um destino ornamental quer para estatuária quer para arquitectura; em época romana o mármore terá sido a matéria-prima para muitas das lápides funerárias encontradas no distrito de Bragança.

Bibliografia

- Centeno, R.M. (1986) – *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática.
- Delgado, J. F. N. (1888) – Actas da sessão da associação dos engenheiros civis portugueses de 4 de Fevereiro de 1888, contendo a comunicação do sócio J. F. Nery Delgado sobre os jazigos da mármore e alabastro e grutas respectivas dos concelhos de Vimioso e Miranda do Douro. *Revista de Obras Públicas e Minas* 19. Lisboa. 81-88.
- (1888-1892) – Reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos. *Comunicações da Comissão dos trabalhos Geológicos de Portugal* 2(1). Lisboa. 45-56.
- (1890) – *Relatório acerca da décima sessão do Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistóricas*. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 36.
- Diário de Trás-os-Montes (DTM). *Minas de Santo Adrião* [online]. Disponível em www.DiarioDeTrasOsMontes.com (consulta realizada em Junho de 2010).
- ENDOVÉLICO – *Base de dados de Património Arqueológico* [online]. Disponível em <http://www.igespar.pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico>. (consultas realizadas entre Abril e Junho de 2010).
- INETI – *Ornabase. Base de dados do catálogo de rochas ornamentais portuguesas* [online]. Disponível em <http://e-geo.ineti.pt/bds/ornabase> (consultas realizadas em Junho de 2010).
- Lemos, F. S. (1993) – *Povoamento romano em Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de doutoramento.
- (2007) – Terra de Miranda. Organização do território na mudança da era cristã: Castelar de Picote e Fragas do Puio. *Tierra de Miranda* 2. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- (2009) – Da Proto-História à Romanização. In FERNANDES, A. (coord.) – *Bragança Marca a História. A História marca Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança. p. 103-111.

- Manuppela, G.; Moreira, J. C. B. (1990) – Calcários e dolomitos de Trás-os-Montes e Alto Douro. *Estudos, Notas e Trabalhos* 32. Porto. 3-35.
- Moura, A. C. (coord.) (2007) – *Mármore e calcários ornamentais de Portugal*. Lisboa: INETI.
- Parra, A.; Filipe, A.; Lopes, J. (2007) – *Carta das ocorrências minerais da região Norte à escala 1/250 000*. Lisboa: INETI.
- Pereira, E. (coord.) (2006) – *Carta Geológica de Portugal à escala 1:200 000*. Notícia explicativa da folha 2. Lisboa: INETI.
- Ponte, S. da (2001) – *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas. Portugal*. Porto: FLUP. Dissertação de doutoramento.
- Portugal, J. de C. (1912) – *Materiais para o estudo da riqueza mineralógica da Província de Traz-os-Montes (Portugal)*. Porto. Relatório não publicado (arquivo do LNEG, S. Mamede de Infesta).
- Redentor, A. (2002) – *Epigrafia romana da região de Bragança*. Lisboa: IPA. *Trabalhos de Arqueologia* n.º 24.
- Thadeu, D. (1956) – *Carta mineira de Portugal na escala 1/500 000. Notícia explicativa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

Resumo

Pretende-se com este trabalho documentar a exploração romana do mármore na Quinta de Santo Adrião, Vimioso, no concelho de Miranda do Douro, tendo por base a análise dos materiais aí recolhidos, aquando da abertura da pedreira em finais século XIX. Os materiais foram classificados e estudados de acordo com a sua funcionalidade, destacando-se a presença de instrumentos de trabalho, produtos transformados ou semi-transformados e de um objecto de adorno.

Palavras-chave: Quinta de Santo Adrião; Vimioso; exploração de mármore; Época romana.

Abstract

The aim of this work is to document the exploration of marble in Roman times in Santo Adrião, Vimioso in the municipality of Miranda do Douro, based on the analysis of materials collected there at the opening of the quarry in the late nineteenth century. The materials were classified and studied according to their functionality, especially working instruments, processed products and semi-manufactures and an ornament object.

Keywords: Quinta de Santo Adrião; Vimioso; marble exploitation; Roman times.